

## ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DE TRABALHADORAS TERCEIRIZADAS NA PELOTAS ATUAL: ANÁLISE DE UM PERCURSO

CAROLINE CARDOSO DA SILVA<sup>1</sup>;  
LORENA ALMEIDA GILL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [card.karol@hotmail.com](mailto:card.karol@hotmail.com) 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lorenaalmeidaqill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidaqill@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação busca fazer alguns balanços sobre a pesquisa que realizei, a qual tem como objetivo o estudo do setor de trabalhadores terceirizados na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no tempo presente, dando enfoque para o setor de limpeza e às mulheres que nele trabalham.

A escolha do tema é oriunda do interesse em estudar e analisar sobre as condições de trabalho que se dão, a partir da reestruturação produtiva, como a precarização e flexibilização de leis trabalhistas, entendendo que o setor de terceirização é marcado pelo estigma, especialmente pela condição de classe em que estão inseridos.

Como aponta Pinto (2013), os trabalhadores subcontratados como terceiros compõem o maior contingente de trabalhadores da atualidade e este setor tem o aumento expressivo da presença de trabalho feminino, ao longo dos anos em que os serviços terceirizados foram sendo aderidos pelo setor público e privado no Brasil. Tal fato se dá não apenas nos ramos tradicionais, como nas indústrias têxteis, mas também em setores de prestações de serviços, continuados e temporários – como faxineiras e serventes, além de setores da indústria microeletrônica.

O entendimento histórico do processo de reestruturação produtiva no contexto brasileiro, que se inicia mais intensamente em 1990, ligando este ao processo mundial, que se inicia em meados de 1970, com as medidas simbólicas de Margaret Thatcher e Ronald Reagan, é um acontecimento da história do tempo presente que necessita de historicização dentro do que propõe os estudos teóricos e metodológicos condizentes ao seu tempo. No contexto brasileiro, Assunção coloca que:

O Brasil seguiu a tendência de flexibilização e precarização do trabalho como forma de redução de custos e aumento de lucros das empresas. Com a inserção decidida do neoliberalismo no Brasil, o processo de terceirização começou a avançar de maneira significativa a partir de 1990 e passou a ser reconhecido legalmente em 1993. Os serviços que mais foram terceirizados no Brasil são os de limpeza, vigilância, e no último período houve um *boom* do telemarketing. Se compararmos com os trabalhadores formais ou efetivos, os trabalhadores terceirizados ganham cerca de um terço de seus salários (ASSUNÇÃO, 2013, p. 51).

Tal fato se dá concomitante às novas medidas neoliberalizantes do contexto mundial de grave crise do capitalismo. A saída para esta situação, de modo geral, se vinculam à degradação de direitos, sobretudo trabalhistas, e o aprofundamento extremo do liberalismo econômico, fazendo com que uma rearticulação econômica transforme diretamente o mundo do trabalho (ASSUNÇÃO, 2013).

Nesse contexto, que brevemente foi explorado, a problemática da pesquisa se fez a partir das seguintes reflexões: a classe trabalhadora no Brasil neoliberal tem outra cara que precisa ser entendida pelos historiadores e demais pesquisadores da sociedade. Tratando-se de pesquisas com o recorte temporal

do capitalismo clássico, os estudos sobre famílias operárias entendiam o homem enquanto provedor e a mulher, mesmo que operária, com um papel mais secundarizado. Engels cita em “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” que no âmbito familiar em ordens patriarcais ocidentais, o homem representa o burguês, e a mulher o proletariado; outro fato é que em muitas fábricas do final do século XIX, início do século XX, havia uma maior parte de mão de obra de trabalhadores brancos e imigrantes. Contudo, a classe trabalhadora atualmente tem outra cara, sobretudo de setores precarizados, e o sujeito central são as mulheres, e mulheres negras, que são as provedoras de muitos lares. Para se falar, portanto, na perspectiva de classe precisamos também pensar em um recorte de gênero e raça, a partir de uma proposta de interseccionalidade. Sendo assim, é interessante pensar: como o trabalho molda a vida dessas mulheres, e como a vida dessas mulheres foi moldada pra que elas atuem nesse setor de trabalho.

Por interseccionalidade, entende-se um conceito, ou um viés de análise, que busca correlacionar gênero, raça e classe para estudos sobre a sociedade e os agentes da história e “foi desenvolvida nos países anglo saxônicos a partir dessa herança do *Black Feminism*, desde o início dos anos de 1990, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs” (HIRATA, 2014, p. 62).

Em tempos de neoliberalismo, de classe trabalhadora fragmentada, essas pessoas seguem sendo sim trabalhadoras e são os pilares de toda sociedade, pois prestam serviços imprescindíveis para o funcionamento de todos setores sociais.

## 2. METODOLOGIA

Para a elaboração do projeto, foi pensada nas seguintes fontes e metodologias: num primeiro momento a feitura de um levantamento de dados sobre emprego, sobretudo dos anos 1990 até 2018, nos setores de terceirização e seus temas tangíveis, bem como assuntos relacionados às condições de vida dos sujeitos terceirizados. Para tal, será feita a análise mais minuciosa de censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O levantamento quantitativo está sendo realizado para que haja uma dimensão material com dados sobre esse setor e seus sujeitos, prezando um dos grandes propósitos do projeto que é dar voz à essas pessoas dentro do contexto macrohistórico-econômico-social. Nessa etapa, tanto os dados relativos a homens, quanto às mulheres terceirizados será levado em conta, haja vista a necessidade de um panorama mais amplo das pessoas que vivem do trabalho nesse setor. O recorte geográfico se inicia no Brasil e logo sera priorizado o Estado do Rio Grande do Sul, até se chegar no município de Pelotas, que é onde a pesquisa está sendo realizada.

Tendo em vista o entendimento e reflexão das narrativas em primeira pessoa, concomitante ao estudo dos dados, se buscará criar uma teia de informações sobre o cotidiano de trabalho e, a partir de então, será priorizada a fala de mulheres. Essa teia se formará, a partir de conversas com pessoas que trabalham no setor terceirizado dentro da UFPel, com o objetivo de construir narrativas com elas, buscando suas trajetórias, a partir da metodologia da história oral. Nessa pesquisa, a conceitualização de trajetórias de vida é entendida como uma categoria de subanálise da história oral de vida e da coleta qualitativa, onde a singularidade é priorizada. Delgado (2010) coloca que “as histórias de vida são

fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas” (DELGADO, 2010, p. 22).

Em linhas gerais, a metodologia de história oral consiste em:

[...] um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, atrás de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2010, p. 15).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da pesquisa, que se iniciou em 2018 para fins de Trabalho de Conclusão de Curso, houve uma dificuldade em realizar entrevistas gravadas com essas trabalhadoras e isso revelou da maneira inesperada um dos principais traços da precarização do trabalho: o medo. Medo de ser demitido, de ser perseguido, de agir de forma inapropriada. “O medo sempre esteve presente no ambiente laboral. A empresa sempre foi um ambiente estressor.” (CASTELHANO, 2005, p. 15), mas nessa fase de instabilidade geral, isso se intensifica e vira algo sistêmico.

Por mais que, em termos metodológicos, o resultado do TCC tenha sido afetado, o principal dado recolhido da pesquisa de campo ser “medo”, em diversos âmbitos, só mostrou o quanto estudar sobre terceirização e suas consequências é uma tarefa de grande importância para pesquisas com enfoque social.

No ano de 2019 o estudo deu um salto qualitativo em questão de trabalho de campo. O projeto de extensão intitulado “PELEJA – Projeto de extensão de educação de jovens e adultos trabalhadores terceirizados da UFPel” foi integrado ao projeto de mestrado, que tem como título “Precarização, feminização do trabalho e terceirização: noções para o entendimento de trajetórias de vida de trabalhadoras terceirizadas na Pelotas atual”. O PELEJA visa realizar ações educativas direcionadas aos trabalhadores terceirizados, que atuam na área de Serviços de Limpeza da UFPel. Trata-se de promover atividades e cursos de formação que possam qualificar estes trabalhadores e garantir acesso a conhecimentos produzidos na universidade. Um dos eixos do Projeto é a organização de aulas preparatórias específicas para a realização da prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), um exame gratuito ofertado a jovens e adultos/as que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos em idade própria. Além da preparação para o ENCCEJA, as ações também incluem o desenvolvimento de atividades de formação sobre temas vinculados às áreas da educação, saúde, direito e trabalho, que serão desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2019. Desta forma, busca-se oportunizar momentos de formação para os terceirizados no seu espaço de trabalho, de forma a qualificar este ambiente e garantir uma melhor integração destes trabalhadores na universidade.

Sendo um espaço de contato direto com muitos trabalhadores terceirizados, e, sobretudo, terceirizadas, já que a maior parte do grupo é composto por mulheres na UFPel<sup>1</sup>, o projeto PELEJA vem ao encontro de duas demandas da pesquisa e projeto de mestrado: a construção da teia de relações para as

---

<sup>1</sup> Pode-se dizer que o setor de limpeza sob terceirização na UFPel é um trabalho basicamente feminino, pois cerca de 90% desses postos são ocupados por mulheres. Dado coletado por meio de conversas informais ao longo da pesquisa.

possíveis entrevistas, que são previstas para se realizarem ao longo do ano que vem, e o pressuposto retorno social que a metodologia de história oral coloca, já que as ações educativas são uma forma, como dito anteriormente, de transpor os conhecimentos acadêmicos para fora dos espaços formais de salas de aulas e laboratórios.

#### 4. CONCLUSÕES

No andamento da pesquisa tem se tornado perceptível os efeitos desgastantes da precarização do trabalho que se dá de maneira mais significativa entre as mulheres por cumprirem, muitas vezes, o papel de donas de casa, de mães, de esposas, e de trabalhadoras. Os estudos de mundos do trabalho costumemente apontam a dupla opressão que sofrem as mulheres, por sua condição de classe e de gênero. Esquecem, muitas vezes, a questão racial. Contudo, nos moldes contemporâneos pós-reestruturação, essas opressões são apropriadas pelo sistema, reforçando esse papel subalternizado.

Considerando tal fato, se faz essencial pesquisas que abordem às novas configurações do mundo produtivo, especialmente relacionados às mulheres, muitas vezes ainda esquecidas pela historiografia.

No Brasil, entre 1970 e 1995, cresceu o número de famílias monoparentais, chefiadas por mulheres jovens. Em 1990, um terço dessas famílias chefiadas por mulheres viviam abaixo da linha da pobreza. Entre 1991 e 1997 a proporção de famílias monoparentais chefiadas por mulheres passou de 21,9 para 24,9% (GOMES et al, 2001). Contudo, se há uma feminização do mundo do trabalho na contemporaneidade, esta é dada nos moldes de um trabalho precário e desvalorizado, conforme explicitado.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUNÇÃO, Diana (Org.). **A precarização tem rosto de mulher: a luta das trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da USP**. 2. ed. São Paulo: Iska, 2013.
- CASTELHANO, Laura Marques. O medo do desemprego e a(s) nova(s) organizações de trabalho. **Psicologia & Sociedade**, vol. 17, núm. 1, enero-abril, 2005, pp. 14-20. Associação Brasileira de Psicologia Social Minas Gerais, Brasil. 2018, link para acesso: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a03v17n1.pdf>>, acessado em 13 de maio de 2018.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades**. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª. Centauro Editora, São Paulo, 2006.
- GOMES, Álvaro (Org.). **O Trabalho no Século XXI: Considerações para o futuro do trabalho**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, Revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, 2014, pp. 61-73. 2018, link para acesso: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>>, acessado em 01 de junho de 2018.
- PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século XX: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. 3 ed. São Paulo, Expressão Popular, 2013.